

A TIRANIA DA TIRANIA

UMA RESPOSTA À “TIRANIA DAS ORGANIZAÇÕES SEM ESTRUTURA”

A ORIGEM DA PREFERÊNCIA PELOS PEQUENOS GRUPOS NO MOVIMENTO DE MULHERES – E POR PEQUENOS GRUPOS ME REFIRO A COLETIVOS POLÍTICOS – FOI UMA REAÇÃO CONTRA A ORGANIZAÇÃO HIERÁRQUICA E SUPER-ESTRUTURADA DA SOCIEDADE EM GERAL E DOS GRUPOS MASCULINOS DE ESQUERDA, EM PARTICULAR. MAS AS PESSOAS NÃO SE DERM CONTA DE QUE REAGIMOS CONTRA A BUROCRACIA PORQUE ELA NOS PRIVA DA GESTÃO, NÓS QUE NOS REBELAMOS CONTRA A BUROCRACIA DEVEMOS CRIAR ALTERNATIVAS À ORGANIZAÇÃO BUROCRÁTICA. A RAZÃO PARA CONSTRUIR UM MOVIMENTO BASEADO EM COLETIVOS É A DE QUE QUEREMOS CRIAR UMA CULTURA REVOLUCIONÁRIA COERENTE COM NOSSA VISÃO DE UMA NOVA SOCIEDADE; É MAIS QUE UMA REAÇÃO; OS PEQUENOS GRUPOS SÃO UMA SOLUÇÃO.



CATHY LEVINE

. b i b l i o t e c a .



TERRA LIVRE

A TIRANIA DA TIRANIA

UMA RESPOSTA À “TIRANIA DAS
ORGANIZAÇÕES SEM ESTRUTURA”

CATHY LEVINE

Tradução: Rosa Silva
Projeto gráfico e
Impressão: Biblioteca Terra Livre

<http://bibliotecaterralivre.noblogs.org>
bibliotecaterralivre@gmail.com

. b i b l i o t e c a .
TERRA LIVRE



É livre a reprodução para fins não comerciais, desde que esta nota seja mantida e a autoria seja citada.

1ª edição
São Paulo
2015

Apresentação

Desde que o artigo de Jo Freeman intitulado “A Tirania das Organizações sem Estrutura”¹ foi publicado no Brasil a editora anarquista Index Librorum Prohibitorum – hoje extinta – anunciou a publicação do livreto “A Tirania da Tirania”, escrito por uma anarquista em resposta à Jo Freeman. O opúsculo de Freeman fez muito sucesso e circulou em formato de livreto e pela internet no meio anarquista e dos movimentos autônomos. O contexto em que ele foi lido no Brasil remete às manifestações anti-globalização – ou mais corretamente, anti-capitalistas – durante a primeira metade da década de 2000, quando milhares de jovens e militantes se lançaram às ruas para construir uma nova forma de fazer política.

Durante esse processo alguns temas eram sensíveis para todos. Um deles foi, sem dúvida, a questão da organização e das formas de decisão levadas a cabo entre os grupos que compunham a grande frente ampla, impulsionada pelos anarquistas em São Paulo, conhecida como AGP (ou Ação Global dos Povos).

Mesmo tendo sido escrito muitos anos antes e pertencer a um contexto e um debate específicos relativos ao movimento feminista nos EUA, a descoberta da “tirania” das organizações sem estrutura por aqui foi um dos assuntos mais relevantes naquela

1 A primeira versão em português, traduzida por Pablo Ortellado, foi publicada no número especial da revista *Temporaes* (Democracia e Autogestão) por alunos de história da USP em 1999. Posteriormente, foi editado como livreto pela Index Librorum Prohibitorum. O texto em inglês foi escrito originalmente em 1971/1972 nos EUA.

época, por trazer uma reflexão nova para os envolvidos nas lutas contemporâneas e que, naquele momento, rompiam de vez com a esquerda tradicional e partidária. Mas não devemos nunca esquecer o momento, nem como, por quem e, principalmente, por que um texto foi escrito.

Jo Freeman é uma feminista liberal estadunidense – que ainda está viva e ativa. É também cientista política, advogada e escritora. Mesmo com o impacto de seu artigo em várias partes do mundo, e ele sendo objeto de discussão entre grupos autônomos e anarquistas, ela está longe de ter qualquer relação direta com tais movimentos, muito pelo contrário, como veremos.

Não cabe nesta apresentação uma biografia extensa de suas atividades como feminista, mas vale destacar, por exemplo, que Jo se envolveu, ao longo de sua vida, em diversas campanhas políticas parlamentares nos EUA, até que finalmente nos anos 1980 filiou-se ao Partido Democrata. Esteve inclusive nas últimas Convenções dos dois maiores partidos norteamericanos (2012).

Apesar disso, o panfleto foi lançado por grupos anarquistas de diferentes tendências em diversos países ao longo dos anos, e ainda hoje circula como um texto a ser estudado pelos libertários.

Claro que acreditamos ser importante a leitura desse e de muitos outros artigos que tratam de temas afins ou que podem trazer reflexões dentro do movimento anarquista para avançarmos em nossa organização e atuação na sociedade. Porém, infelizmente, ainda hoje pouca gente conhece o artigo que Cathy Levine escreveu em 1979 na revista anarquista *Black Rose*, contestando alguns argumentos de Freeman e apresentando sua visão libertária sobre

o tema das “estruturas” ou da “ausência” das mesmas.

Por sorte, camaradas anarquistas já se debruçaram sobre o tema e há algumas opiniões sobre a polêmica que vale a pena serem postas para debate. A primeira constatação é de que o texto de Jo Freeman foi amplamente lido e debatido – e aceito – pela maior parte do que se convencionou chamar de Movimento de Libertação das Mulheres, que incluía feministas de diversas matizes políticas. Aparentemente, as anarquistas da época foram as únicas a se levantarem contra os argumentos ali expostos.

Sobre o assunto, Chuck Munson, militante anarquista co-fundador do site infoshop.org, entre outras atividades, escreveu:

Uma das coisas mais ignorantes promovidas por anarquistas como anarquistas é um ensaio intitulado “A Tirania das Organizações sem Estrutura” que foi escrito pela ativista feminista Jo Freeman no início dos anos 1970. Os anarquistas que promovem este ensaio muitas vezes o fazem por causa da frustração com os pequenos grupos, que muitas vezes são controlados pela desorganização e pela falta de familiaridade dos anarquistas com processos de grupos anarquistas. O problema com este ensaio é que Freeman foi uma esquerdista autoritária que escreveu o ensaio para atacar os grupos de conscientização anarquistas que eram organizados por mulheres feministas na época. Freeman foi a favor da construção de partidos de massas no modelo leninista e ficou assustada com as idéias anarquistas tomando força entre as mulheres radicais. Uma anarquista chamada Cathy Levine escreveu uma resposta, “A Tirania da Tirania”, onde defendeu os pequenos grupos anar-

quistas. A ironia, claro, é que os anarquistas contemporâneos estão utilizando um ensaio anti-anarquista para criticar problemas em seus grupos e organizações! É muito melhor, realmente, falar sobre os problemas dos processos de grupos do que acenar com um ensaio descontextualizado sobre as cabeças das pessoas.²

São palavras duras, mas que merecem nossa reflexão após a releitura do texto de Jo Freeman e a leitura de Cathy Levine.

Finalmente ganha o mundo a tradução prometida há muitos anos. Ainda que tardia e, talvez, descontextualizada para alguns grupos ou indivíduos, mas, certamente, extremamente atual em seu conteúdo para muitos outros, convidamos a todas e todos ao estudo, reflexão e debate coletivos de mais essa saudável polêmica nos meios libertários.

Rosa Silva

2 Tradução livre do texto: <http://theanarchistlibrary.org/library/chuck-munson-debunking-nonsense-in-the-anarchist-movement>

A Tirania da Tirania

por Cathy Levine¹

Um artigo intitulado “A Tirania das Organizações sem Estrutura” que tem recebido muita atenção dentro do movimento de mulheres (em *Ms.*², *Second Wave*³, etc) ataca a tendência desde a “falta de líderes” e a existência de “grupos sem estruturas” como se fosse a principal – senão a única – forma organizacional do movimento e a vê como um beco sem saída. Mesmo que escrito e recebido com boa-fé, como uma ajuda ao movimento, o artigo é destrutivo porque distorce e calunia uma estratégia válida e consciente para construir movimentos revolucionários. É hora de reconhecermos, como uma alternativa política real, a direção a que apontam estas tendências, ao invés de impedir que apareçam.

Há pelo menos dois modelos diferentes para construir um movimento, e Joreen⁴ só dá conta de um: uma organização de massa com um controle forte e centralizado, como um partido. O outro modelo se baseia em pequenos grupos de associação voluntária.

Um grupo grande funciona como uma soma de partes em que cada membro funciona como uma unidade, uma engrenagem da

1 Artigo publicado pela primeira vez na revista *Black Rose* N°1, 1979. *Black Rose* foi uma revista anarquista publicado em Boston durante os anos 1970 e 1980. (NT)

2 *Ms.* é uma revista feminista liberal publicada nos EUA, fundada nos anos 1970 e que existe até hoje. (NT)

3 *Second Wave* foi uma revista feminista dos anos 1970-80 que não tinha uma linha política definida, apesar de ter havido conflitos internos causados por membros ligados a partidos políticos. (NT)

4 Joreen refere-se à Jo Freeman, autora do artigo “A Tirania das Organizações sem Estrutura”. (NT)

roda da organização maior. O indivíduo está alienado pelo tamanho e se vê relegado a lutar contra os obstáculos que gera o tamanho do grupo, por exemplo, esforçando-se por assumir um ponto de vista aceito por todos.

Por outro lado, os pequenos grupos multiplicam a força de cada um de seus membros. Ao trabalhar coletivamente entre poucas pessoas, os pequenos grupos utilizam ao máximo a variada contribuição de cada integrante. O que permite alentar e potencializar os aportes individuais, ao invés de perder tempo na competição pela sobrevivência do mais apto, mais astuto ou agraciado da organização.

Joreen associa a influência dos pequenos grupos com a fase do “despertar da consciência” no movimento das mulheres, mas conclui que este enfoque muda o centro de atenção da “consciência individual” para a construção de um movimento revolucionário de massas, quando as mulheres deveriam envolver-se na construção de uma grande organização. Isto é verdade, e durante algum tempo muitas mulheres que participaram de grupos de “despertar das consciências”, sentiram a necessidade de expandir suas atividades políticas para além do raio de ação deste tipo de grupos, mas se sentiram confusas sem saber o que fazer. Mas também é igualmente verdade que outras correntes da esquerda também estavam confusas e não sabiam como derrotar o capitalismo, o imperialismo e o quase-fascismo norteamericano.

Mas Jorren não conseguiu definir o que entendia por movimento de mulheres, o que é pré-requisito indispensável para debater a estratégia ou a direção a seguir. O movimento feminista,

em seu sentido mais amplo, isto é, como movimento para derrotar o patriarcado, é um movimento revolucionário e socialista sob o guarda-chuva da esquerda. Um problema central para que as mulheres determinem as estratégias do movimento de mulheres, seria o como se relacionar com a esquerda masculina; não queremos fazer nosso o seu *modus operandi* porque o consideramos uma perpetuação dos valores patriarcais, e por consequência, capitalistas.

Apesar de nossos melhores esforços para renegar e nos dissociarmos da esquerda masculina, nós não conseguimos ter essa energia. Os homens tendem a organizar a forma como fazem sexo: uma grande descarga e depois “passar bem, nenem” As mulheres deveriam edificar o nosso movimento da maneira como fazemos amor: gradualmente, envolvendo-se constantemente, esforçando-nos sem limitações - e, é claro, orgasmos múltiplos. Ao invés de nos sentirmos desanimadas e isoladas agora, deveríamos estar em nossos pequenos grupos debatendo, planejando, criando e problematizando. Deveríamos estar sempre gerando problemas ao patriarcado e apoiando as mulheres; deveríamos estar sempre nos comprometendo e criando atividades feministas, porque todas nos fortalecemos com isso. Sem uma ação feminista, as mulheres caem nos tranquilizantes, enlouquecem e cometem suicídio.

O outro extremo de inatividade, que parece afetar aquelas que são ativistas políticos, foi o super-envolvimento, que levou, nos fins dos anos 1960, a uma geração de ativistas radicais esgotadas. Uma vez uma amiga feminista comentou comigo que para ela “estar no movimento de mulheres” significava “passar 25% de seu tempo em atividades grupais e 75% desenvolvendo-se a si mesma”. Isto é real e

importante para o movimento de mulheres e devemos pensar nisto. O movimento masculino pensa que as participantes do movimento devem dedicar 24 horas do dia à Causa, algo totalmente coerente com a socialização feminina com vistas ao auto-sacrifício. Fundimos nossas cabeças nas atividades organizacionais, descuidando de nosso desenvolvimento pessoal, sem importar qual seja a causa de nossa dedicação ao resto. Finalmente, um dia, descobrimos que não sabemos o que estamos fazendo, nem para quem o fazemos; o resultado é que terminamos odiando a nós mesmas, tanto quanto antes de entrar no movimento (por outro lado, o super-envolvimento masculino, obviamente que não motivado por nenhum auto-sacrifício de gênero, cheira fortemente à ética Judáica/Protestante, Trabalho/Realização, e inclusive à fachada “racional”, fria, não emocional, com a qual o machismo suprime os sentimentos dos homens).

Estas armadilhas perenes das pessoas do movimento, que representam um poço sem fundo para o movimento, explica Jo Freeman como parte da “tirania da falta de estruturas”, o que é uma piada no contexto de uma nação de semi-autômatos que lutam por manter uma aparência de individualidade contra um trator militar/industrial pós-tecnológico. Ao contrário, o que definitivamente não necessitamos mais são de estruturas e regras que nos dêem respostas fáceis, alternativas pré-fabricadas sem espaço para nossas próprias formas de vida. O que está ameaçando a esquerda feminina, e ainda mais as outras correntes, é a “Tirania da Tirania”, que tem nos impedido de relacionarmos com os indivíduos, ou de criar organizações que não eliminem a individualidade com papéis pré

estabelecidos, ou de nos liberar das estruturas capitalistas.

Contra a suposição de Joreen, a fase de conscientização do movimento não acabou. O despertar de consciência é um processo vital que deve continuar entre aqueles comprometidos com a mudança social e através da libertação revolucionária. Elevar a nossa consciência - ou seja, ajudar uns aos outros a nos libertar das antigas algemas - é a principal forma pela qual as mulheres irão transformar a sua ira pessoal em energia construtiva, e se juntar à luta. Despertar nossas consciências é, de toda forma, uma ideia ampla, vaga e necessita ser esclarecida. Uma ofensiva comercial televisiva pode despertar a consciência de mulheres enquanto ela passa, sozinha, a roupa do marido em seu lar; isso pode lhe recordar o que já sabe: que ela está presa, que sua vida não tem sentido, é chata, etc., mas provavelmente não a animará a deixar de lado as roupas e começar uma greve de donas de casa. A conscientização é uma estratégia revolucionária e deve ajudar as mulheres a traduzir sua insatisfação pessoal em consciência de classe, possibilitando que as mulheres organizadas sejam acessíveis à todas as mulheres.

Ao sugerir que o próximo passo depois dos grupos de conscientização fosse o de construir um movimento, Joreen não só implica numa falsa dicotomia entre um e outro, mas também passa por cima de um processo importante do movimento feminista: construir uma cultura de mulheres. Enquanto que, em última instância, será necessária uma força maciça de mulheres (e alguns homens) para esmagar o poder do Estado, um movimento de massa em si não faz uma revolução. Se nós esperamos criar uma sociedade livre da supremacia masculina depois de derrubar o capitalismo

e construir o socialismo internacional, seria melhor começarmos a trabalhar nisso desde agora, já que alguns de nossos companheiros anticapitalistas vão nos dar muito o que fazer. Devemos gerar uma cultura de mulheres visível dentro do qual as mulheres possam se definir e expressar-se para além dos padrões patriarcais e que satisfaça as necessidades das mulheres que o patriarcado falhou.

A cultura é uma parte essencial do movimento revolucionário e é também uma das ferramentas mais importantes da contra-revolução. Devemos ser muito cuidadosas em especificar que a cultura que estamos falando é aquela revolucionária e que confronta constantemente a cultura do pai.

A cultura de uma classe ou casta oprimida ou colonizada não é necessariamente revolucionária: Os EUA contém – tanto no sentido de “ter” como no de “impedir a propagação” – muitas sub-culturas, mesmo que se definam diferentes da cultura do pai, não ameaçam o *status quo*. De fato, são partes de um EUA “multi-cultural”, uma-grande-família-feliz de culturas étnico/sociais: a “contra-cultura”. Eles foram validados, admitidos, adotados ou comprados pela grande cultura. O que chamamos de cooptação.

A cultura das mulheres enfrenta um verdadeiro perigo agora, desde um novo círculo revolucionário de liberação até a revista *Ms.*, passando por *The Diary of a Mad Housewife*⁵ (O Diário de uma Dona de Casa Louca). *The New Women*⁶ (A Nova Mulher), por exemplo, de classe média, universitária, parceira de algum

5 Filme americano dos anos 1970 sobre uma esposa frustrada. (NT)

6 Termo utilizado no século XIX para referir-se às mulheres – em geral filhas de homens letrados de classe média ou alta – que se educavam, trabalhavam, vestiam-se de maneira mais confortável, eram mais liberais sexualmente, entre outras características. (NT)

homem, poderá obter seu pedaço da torta norteamericana. Soa bem, mas onde está a Revolução? Devemos reavaliar constantemente nossa posição para garantirmos que não estamos sendo acolhidas nos braços sempre abertos do Tio Sam.

O tema da cultura das mulheres, mesmo rebaixada pela cega e arrogante esquerda masculina, não é necessariamente um tema revisionista. A polarização entre os papéis femininos e masculinos como definidos, controlados pela sociedade masculina, não só subjugou as mulheres, mas sim fez com que todos os homens, sem importar classe nem raça, se sentissem superiores às mulheres. Este sentimento de superioridade, contrariando o sentimento anticapitalista, é a essência do sistema. O objetivo da revolução feminista é que as mulheres conquistem a humanidade plena, o que significa destruir os papéis masculinos e femininos que fazem os homens e as mulheres serem humanos pela metade. Recuperaremos nossa humanidade perdida criando uma cultura de mulheres.

O tema de nossa humanidade perdida mostra aquilo que os marxistas comuns descuidaram em suas análises durante mais de meio século: os elementos psico-sexuais na estrutura do caráter de cada indivíduo, que atua como um policial interior, em cada membro da sociedade. Wilhelm Reich começou a descrever de forma estreita, heterossexual e centrada no masculino, a armadura de caráter que faz cada pessoa se transformar num verdadeiro fascista, ou em nossas sociedades, bons cidadãos. Nós, mulheres, experimentamos este fenômeno todos os dias que se manifesta na repressão dos sentimentos, especialmente óbvio em nossos amigos homens, para quem é muito difícil expressar, ou inclusive “expor”,

seus sentimentos honestamente. A mutilação psíquica com a que a psicologia capitalista nos coage a acreditar que é um problema dos indivíduos, uma situação social que nos afeta a todos e que ajuda a sociedade capitalista avançada a nos manter unidos. As deformidades psíquicas dos cidadãos fazem com que trabalhem, que lutem nas guerras, que reprimam suas mulheres, aos não-brancos e a todos os inconformistas suscetíveis de serem reprimidos. Em nossa sociedade pós-tecnológica, todos seus membros a reconhecem como a cultura mais avançada, mesmo que os defeitos psíquicos sejam também os mais avançados - há muito mais merda para a psiquê cortar, como Jonathan Livingstone Seagull⁷ e sua política do “I’m OK – You’re OK”⁸ (“Eu estou bem, você está bem”), sem mencionar os pós-neofreudianos e os psico-cirurgiões.

Pela enésima vez, nos permita dizer que se não encararmos nossas cadeias psíquicas internas, ao mesmo tempo em que estudamos as externas, estruturas políticas e as relações entre ambas, não conseguiremos criar força que ameace o nosso inimigo, e mais, nem sequer saberemos quem é nosso inimigo. A esquerda perdeu horas e muito papel tentando definir a classe dominante; mas a classe dominante tem seus representantes carcerários dentro da mente de cada membro da sociedade – essa é a lógica que há por trás do que se chama paranoia. A tirania da tirania é um inimigo profundamente enraizado.

O grupo pequeno é onde se conecta a luta psicológica com a

7 Trata-se de um romance escrito em 1971 por Richard Bach sobre uma gaivota que decide se diferenciar do seu bando e acaba excluída. No Brasil foi lançado como Fernão Capelo Gaivota. (NT)

8 Livro de auto-ajuda e reprogramação mental que fez muito sucesso nos anos 1970 escrito por Thomas A. Harris. (NT)

participação política. É por isso que os temas de táticas e estratégias e os métodos de organização são tão cruciais neste momento. Durante décadas a esquerda tem tentado reunir as pessoas nas ruas, sempre e quando existisse um número suficiente para provocar algum efeito. Como afirmou I. F. Stone⁹, você não pode fazer uma revolução quando quatro quintos das pessoas são felizes. Também não devemos esperar até que todos estejam prontos para se tornar radicais. Enquanto, por um lado, devemos constantemente sugerir alternativas ao capitalismo, através de cooperativas de alimentos, ações anti-empresariais e atos de rebelião pessoal, devemos também combater as estruturas capitalistas psíquicas e os valores e padrões de vida que dela derivam. Estruturas, presidentes, líderes, retórica - quando uma reunião de um grupo de esquerda se torna indistinguível do estilo de uma sessão de um senado dos EUA, não devemos rir disso, mas reavaliar a estrutura por trás do estilo e reconhecê-la como uma representante do inimigo.

A origem da preferência pelos pequenos grupos no movimento de mulheres – e por pequenos grupos me refiro a coletivos políticos – foi, como expôs Joreen, uma reação contra a organização hierárquica e super-estruturada da sociedade em geral e dos grupos masculinos de esquerda, em particular. Mas as pessoas não se deram conta de que reagimos contra a burocracia porque ela nos priva da gestão, como o resto da sociedade. E ao invés de reconhecer nossas loucuras, voltando ao rebanho estruturado, nós que nos rebelamos contra a burocracia devemos criar alternativas à organi-

⁹ Jornalista investigativo e escritor norteamericano que combateu o machartismo e a guerra do Vietnã e editou uma publicação independente durante os anos 1960. (NT)

zação burocrática. A razão para construir um movimento baseado em coletivos é a de que queremos criar uma cultura revolucionária coerente com nossa visão de uma nova sociedade; é mais que uma reação; os pequenos grupos são uma solução.

Porque o movimento de mulheres está tendendo para pequenos grupos e porque o movimento de mulheres não tem sentido, neste momento, algumas pessoas concluem que os pequenos grupos são os culpados pela falta de direção. Eles apontam o tabu da “estrutura” como solução para o impasse estratégico, como se uma estrutura nos dessa visão teórica ou alívio de ansiedades pessoais. Ele pode nos dar uma estrutura em que “organizamos” ou reunir mais mulheres, mas na ausência de estratégia política, podemos estar criando uma ironia kafkiana, onde o processo é substituído por uma reunião.

A falta de energia política que nos persegue nos últimos anos, menos no movimento de mulheres do que na esquerda masculina, provavelmente se relaciona diretamente aos sentimentos de insatisfação pessoal que tiranizam a todos e cada um de nós. A menos que enfrentemos esses sentimentos diretamente e tratemos com a mesma seriedade que tratamos o bombardeio de Hanói, a paralisia que provocam os primeiros nos impedirá de revidar de forma eficaz os segundos. Mais que fazer um chamado para substituir os pequenos grupos por grupos maiores e estruturados, necessitamos alentarmos umas às outras para encontrarmos pequenos grupos desestruturados que reconheçam e enalteçam o valor do indivíduo. A amizade, mais que qualquer terapia, alivia imediatamente os sentimentos de insatisfação pessoal. A revolução, deveria se construir

sobre o modelo de amizades.

O problema onipresente que Joreen confronta, aquele das elites, não se soluciona com a formação de estruturas. Ao contrário do que se acredita, de que a falta de estruturas leva à maquinação, as estruturas invisíveis baseadas em elites, a ausência de estruturas em pequenos grupos de confiança mútua, combate o elitismo em seu nível básico, o nível das dinâmicas pessoais, nas quais o indivíduo que ameaça a segurança com um comportamento agressivo domina sobre aquele cuja insegurança o mantém em silêncio. O pequeno grupo pessoalmente envolvido aprende, primeiro, a reconhecer aquelas diferenças de estilos e depois a apreciá-las e trabalhar com elas. Mais que tentar ignorar ou aniquilar as diferenças de estilo pessoal, os pequenos grupos aprendem a apreciá-las e a utilizá-las; portanto, a fortalecer o poder pessoal de cada indivíduo. Dado que cada um foi socializado em uma sociedade na qual a competição individual é a forma de existência. Nós não vamos eliminar todos os estilos-pessoais-como-poder, mas vamos reconhecer as diferenças e aprender a deixar coexistir essas diferenças. Já que não somos o inimigo e sim as vítimas, necessitamos apoiar-mos e não destruímos uns aos outros. Os elementos destrutivos retrocederão à medida que nos fortalecermos. Mas, enquanto isso, devemos evitar situações que recompensam o estilo pessoal com o poder. As reuniões premiam os mais agressivos, retóricos, carismáticos e que se expressam com mais clareza (quase sempre homens).

Considerando os múltiplos e variados derivados do termo “anarquismo” que circulam, muito poucos na esquerda se dedicaram a estudá-lo com seriedade. Estamos seguras de que as pessoas

que se orgulham da hipocrisia dos tabus sociais estão carregados de tabu contra o anarquismo.

Do mesmo modo que com a masturbação nos educam a temer o anarquismo irracional e inquestionavelmente, porque não fazê-lo poderia nos levar a experimentá-lo, aprendê-lo e desfrutá-lo. Para quem já considerou a possibilidade de que a masturbação pode fornecer mais benefícios do que loucura, um estudo do anarquismo é altamente recomendado – remontando aos tempos de Marx, quando Bakunin foi seu adversário socialista mais radical... mais radical, porque ele deu um passo de gigante dialético para além de Marx, confiando nas qualidades dos indivíduos para salvar a humanidade.

Porque a esquerda não fez mais que ignorar o anarquismo? Pode ser por causa de que os anarquistas nunca alcançaram uma vitória revolucionária. O marxismo venceu, mas também o capitalismo, e isto somente prova ou sugere que o perdedor, até este momento, está do nosso lado. Os anarquistas russos se opuseram fortemente à tirania demasiadamente revisionista dos bolcheviques, do qual se ri com velhaca crueldade a Nova Esquerda ante seus pais esquerdistas dos anos 1960. Claro, a antiga geração de esquerdistas norte-americanos era tacanha, tanto que não viam que o capitalismo se regenerava na Rússia; mas a visão fechada com a qual definimos os caminhos do dogma marxista-leninista não é algo a se orgulhar.

As mulheres, é claro, estão conseguindo sair do túnel antes da maioria dos homens, porque, na obscuridade, guiadas por homens cegos da Nova Esquerda, nos encontramos a nós mesmas.

Donas de casa para a revolução ou prostitutas para o proletariado; é impressionante como a forma como somos vistas se refunda em si mesma. Por todo o país, os grupos independentes de mulheres começaram funcionando sem estruturas, líderes e outros clichês da esquerda masculina. Criaram, independente e simultaneamente, organizações similares às dos anarquistas de muitas décadas e lugares. O que não foi um acidente.

O estilo e a audácia de Emma Goldman foram adotados por mulheres que não se consideram a si mesmas anarquistas... porque Emma estava tão certa. Poucas mulheres assustaram tantos homens por tanto tempo. Parece lógico que deveríamos estudar Emma Goldman, não para seguir cada um de seus pensamentos, mas para encontrar a fonte de sua fortaleza e seu amor de vida. Não é por acaso, também, que o Terror Vermelho anarquista chamado Emma Goldman também foi uma defensora e praticante do amor livre. Ela era uma afronta aos grilhões capitalistas muito mais do que qualquer um de seus contemporâneos marxistas.

Biblioteca Terra Livre

Em 2004, alguns militantes anarquistas envolvidos nas lutas anticapitalistas em São Paulo, fundaram o Coletivo Anarquista Terra Livre. O projeto inicial consistia em divulgar o anarquismo por meio de atividades como o Colóquio Internacional História do Movimento Operário Revolucionário (2004) e a I Feira Anarquista de São Paulo (2006). O grupo publicou a revista *Protesta!* que realizava análises de conjuntura numa perspectiva radical e propunha novas reflexões práticas e teóricas no campo libertário. Após a publicação de 5 edições, o coletivo se reestruturou e, em 2009, em conjunto com outros grupos autônomos, fundou o Espaço Ay Carmela!, centro político-cultural autônomo no centro da cidade. O projeto do Terra Livre passou a ser a constituição de um Centro de Documentação Anarquista. Com o objetivo de preservar e difundir a memória do anarquismo no Brasil e no mundo e incentivar as lutas do presente, surgiu a **Biblioteca Terra Livre!** Em outubro de 2010, a Biblioteca mudou sua sede para um espaço independente a fim de viabilizar seus projetos. A partir daí, iniciou-se, de maneira regular, grupos de estudos, atividades públicas de difusão do anarquismo, catalogação dos materiais (livros, revistas, jornais, vídeos, etc.) e mostras de filmes, além da manutenção de um centro de documentação.

O acervo é constituído, prioritariamente, por materiais anarquistas e sobre movimentos libertários do Brasil e do mundo. Nosso objetivo é manter um acervo vivo que gere debates, conversas, reflexões, textos e outras formas de expressão estimuladas pela leitura. Dessa forma, nosso trabalho consiste em construir coletivamente um espaço focado no de-

envolvimento do pensamento crítico e no subsídio para a ação coletiva e política por meio de um arquivo que reúna a produção atual dos grupos e movimentos políticos e sociais autônomos e libertários, fazendo um trabalho de registro da memória dessas ideias e práticas. Por fim, o que queremos é promover a possibilidade de apropriação e produção de conhecimento coletivo. Acreditamos que a compreensão do mundo e o pensamento crítico de orientação libertária pode gerar a transformação radical da sociedade que desejamos rumo à Liberdade e à Igualdade.

Projeto Editorial

O projeto editorial da Biblioteca Terra Livre se iniciou em 2011 buscando viabilizar o acesso à literatura anarquista. O projeto visa a partir da edição de livros e folhetos difundir e incentivar o acesso a um material até então inédito, de difícil acesso ou pouco conhecido.

Todo o trabalho de desenvolvimento editorial (diagramação, arte, seleção de texto, bem como a tradução) é realizado a partir dos princípios de solidariedade e apoio mútuo, e toda a verba proveniente da venda dos livros e dos folhetos é destinada à manutenção da Biblioteca Terra Livre.

Os livros e folhetos editados pela Biblioteca possuem licença Copyleft, sendo incentivada a reprodução deles para fins não comerciais, desde que esta nota seja incluída e os autores citados.

Os demais folhetos publicados pela Biblioteca Terra Livre podem ser lidos gratuitamente no seguinte endereço:

<http://bibliotecaterralivre.noblogs.org/editora/folhetos/>